

O CONTATO PRECOCE COM A LIBRAS E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS SURDAS: UMA PERSPECTIVA SOCIOCONSTRUTIVISTA

Bruna Barros Cardoso ¹
Leidson Bezerra da Rocha ²
Leonardo Teixeira da Fonseca ³
Manoel Anório Apolônio Filho ⁴

INTRODUÇÃO

A presença da criança surda na escola exige que o processo educativo garanta não apenas o acesso, mas a efetiva participação no cotidiano da sala de aula. Isso implica a criação de práticas que considerem a singularidade linguística e cultural da surdez e favoreçam a interação entre todos. Quando a criança surda tem a oportunidade de adquirir a Libras desde cedo, o aprendizado dos conteúdos escolares torna-se muito mais acessível, pois essa língua funciona como alicerce para toda a construção do conhecimento. A partir dessa base, a criança relaciona novos saberes, integra informações e chega à compreensão com mais segurança e autonomia. Em contrapartida, a ausência dessa aquisição pode provocar lacunas no desenvolvimento cognitivo, dificultando a consolidação de conceitos ao longo da trajetória escolar.

Pesquisas de Quadros (2017) confirmam que a Libras, enquanto língua de herança, deve ser garantida desde a infância para evitar privação linguística. Na mesma direção, Campello (2011) destaca a pedagogia visual/sinal como princípio essencial para o desenvolvimento da cognição surda, e Vygotsky (1935/2010) afirma que a aprendizagem ocorre nas interações sociais, que transformam a criança e o meio de forma recíproca. Esses fundamentos teóricos sustentam a necessidade de exposição precoce e contínua à Libras para que a criança desenvolva plenamente sua linguagem e seu desempenho acadêmico.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) e Mestranda em Educação Inclusiva pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: brubbc25@gmail.com;

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), E-mail: leidsson@hotmail.com;

³ Graduado em Pedagogia pela UNOPAR e Mestrando em Educação Inclusiva pelo Programa de Pós-graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: leobygood@gmail.com;

⁴ Doutor em Ciências da Educação pela University of the Integration of the Americas - UNIDA, manoel_apolonio@hotmail.com;



Nesse contexto, o intérprete de Libras desempenha um papel crucial na sala inclusiva, sendo imprescindível sua interação com o professor regente. A Libras é a primeira língua da criança surda, enquanto o português escrito é sua segunda língua. Albres (2015) observa que, em um conjunto de documentos, consta que a função do intérprete educacional é apenas de mediar a comunicação, mas, em muitas ocasiões, são atribuídas a ele atividades pedagógicas, exigindo uma parceria constante com o professor regente. Essa colaboração é fundamental para dinamizar o trabalho pedagógico, garantindo que a Libras se torne uma prática natural dentro da escola.

Este estudo tem como objetivo relatar e refletir sobre a experiência de coensino entre professora regente e intérprete de Libras na Educação Infantil, evidenciando estratégias bilíngues que favoreceram o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico de dois irmãos gêmeos surdos em fase de aquisição da linguagem. A experiência, vivida em 2016 em uma escola municipal de Educação Infantil inclusiva de Garanhuns-PE, envolveu novos desafios para estudantes ouvintes, a adoção de estratégias de adaptação e a presença de estagiários surdos, que compartilharam saberes culturais e identitários, transformando a sala em um verdadeiro laboratório de práticas bilíngues.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa e descritiva. Realizado em 2016, em uma escola municipal de Educação Infantil inclusiva localizada em Garanhuns-PE, teve como foco dois irmãos gêmeos surdos, com 5 anos, em seu primeiro contato com a escola e em fase de aquisição da linguagem. A pesquisadora atuou como professora intérprete de Libras (TILS), acompanhando diariamente a rotina da turma.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, com anotações em diário de campo e registros reflexivos, os quais permitiram a descrição das interações entre a professora regente, o intérprete e as crianças. A análise dos registros seguiu uma abordagem interpretativa e socioconstrutivista, com base nos princípios de Vygotsky (1935/2010), buscando relacionar as práticas pedagógicas, a aquisição da Libras como primeira língua (L1) e os avanços cognitivos observados nas crianças. O estudo seguiu os princípios éticos da pesquisa educacional, com anuência da escola e ciência dos responsáveis.

REFERENCIAL TEÓRICO



Em sintonia, Campello (2011, p. 118) destaca que “a experiência visual é o eixo de constituição da subjetividade e da linguagem da criança surda, sendo o olhar o principal articulador de sua gramática e de sua narrativa”. Dessa forma, a pedagogia visual/sinal não se reduz a um método, mas constitui um princípio educativo que favorece a aquisição da Libras como primeira língua. Ao estimular o uso do espaço gramatical, dos classificadores e das expressões faciais e corporais, a escola assegura que a criança surda construa sua linguagem de forma plena e natural, desenvolvendo um repertório imagético que sustenta sua comunicação e pensamento. A educação bilíngue é, nesse sentido, espaço de resistência e de afirmação identitária. Morais e Martins (2020, p. 5) afirmam que “o fundamento do bilinguismo pretende proporcionar um ambiente linguístico em que a comunicação, através da língua de sinais e do português escrito, seja aprendida de maneira espontânea como acontece na aquisição de uma língua oral”. Para tanto, a escola precisa ir além do uso instrumental da Libras, pois, como destacam as autoras (2020, p. 10), “não é porque se utiliza a Libras como uma ferramenta para o ensino e a aprendizagem de surdos, inseridos na escola comum, que se pode considerar a escola de ensino como sendo um espaço efetivamente e politicamente bilíngue”. Quadros (2017) reforça que a Libras é uma língua de herança, e que sua aquisição precoce impede a privação linguística, permitindo que a criança estabeleça vínculos cognitivos sólidos. Na mesma perspectiva, Campello (2011) descreve a pedagogia visual/sinal como base para



a cognição surda, destacando a importância de classificadores, expressões faciais e uso do corpo para construir significados.

As características inerentes à interpretação para a Educação Infantil de crianças surdas são os gêneros lúdicos que permeiam o ensino dessa modalidade, como poemas, narrativas, teatro e piadas, criados pela própria comunidade surda e interpretados por intérpretes e tradutores surdos. O trabalho centra-se na linguagem estética visual, em que o conteúdo expressa o modo surdo de pensar e está em consonância com os parâmetros gramaticais da Libras, próprios da performance em língua de sinais. São também relevantes as diferenças interculturais. A música, por exemplo, é vista por alguns teóricos surdos como não pertencente à cultura surda, mas reconhecem que a criança surda tem o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. Nesse sentido, Strobel (2016, p. 136) ressalta que “o povo surdo necessita de duas línguas: a língua de sinais na comunicação entre seus idênticos e da segunda língua para se integrar à comunidade ouvinte”, evidenciando a importância de experiências que favoreçam o trânsito entre culturas.

Dessa maneira, o papel do TILS no aspecto gramatical e cultural envolve compreender e transpor gêneros culturais para a Libras, explorando recursos visuais que dialoguem com elementos auditivos. Demonstrar competência em metáforas, classificadores e gírias próprias da comunidade surda torna-se um diferencial para expressar gêneros comuns e culturais — poemas, músicas, slams, entre outros. O intérprete deve identificar seu perfil compatível e buscar formação contínua e contato com a comunidade surda e seus pares profissionais, a fim de reconhecer as diferenças e de desenvolver emoção e criatividade nas performances em Libras inerentes e indispensáveis na mediação em crianças surdas em fase de aquisição da primeira língua. Nessa perspectiva, o professor regente ouvinte e o intérprete de Libras assumem papéis complementares: enquanto o docente planeja e conduz as atividades pedagógicas, o intérprete assegura a acessibilidade linguística, viabilizando a comunicação plena entre surdos e ouvintes. Essa articulação favorece o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança surda, pois possibilita a construção de conhecimentos em ambiente bilíngue, no qual a Libras e a língua portuguesa se entrelaçam em práticas de leitura, escrita, brincadeiras e interações diárias.

No entanto, na modalidade infantil, a efetiva inclusão de crianças surdas na escola depende de uma ação pedagógica conjunta, na qual professor regente e o professor intérprete de Libras compartilham o planejamento, a execução e a avaliação das



atividades. Essa prática, conhecida como coensino, desloca a ideia de que o docente da sala comum é o “principal” e o profissional de apoio apenas auxilia. Como salientam Vilaronga e Mendes (2017, p. 21), “o coensino é uma das propostas de apoio na qual um professor comum e um professor especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de estudantes”. Essa perspectiva, ao promover trocas formativas e corresponsabilidade, fortalece um ambiente bilíngue e inclusivo, no qual a Libras circula de modo natural e todos os alunos têm a aprendizagem ampliada.

A interação cotidiana entre o professor regente, o intérprete de Libras e a criança surda configura um ambiente rico de mediação, no qual a aprendizagem emerge das relações sociais. De acordo com a teoria socioconstrutivista, o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas sim por meio do diálogo constante com o meio, considerando-o um fator dinâmico e interativo. Vygotsky (2010, p. 749) enfatiza:

O meio não pode ser analisado por nós como uma condição estática e exterior ao desenvolvimento, mas deve ser compreendido como variável e dinâmico [...] A criança e seu desenvolvimento se modificam, tornam-se outros. E não apenas a criança se modifica, modifica-se também a atitude do meio para com ela, e esse mesmo meio começa a influenciar a criança de uma nova maneira.

Isso significa que, ao estar imersa em um ambiente de interação bilíngue, onde a Libras e o português se entrelaçam, a criança surda é capaz de acessar novas formas de pensamento e de comunicação. Nesse contexto, o coensino entre o professor regente e o intérprete de Libras transforma a sala de aula em um espaço interativo e adaptável, onde as práticas pedagógicas e o uso do espaço gramatical da Libras se moldam continuamente para atender às necessidades linguísticas e cognitivas da criança surda. Essa dinâmica interativa não apenas promove o desenvolvimento cognitivo e social da criança, mas também favorece sua participação plena no ambiente escolar, respeitando a sua identidade linguística e cultural.

O acesso ao meio, por meio dessa interação constante e mediada, possibilita à criança surda desenvolver uma linguagem rica, plena e em sintonia com o contexto ao seu redor, favorecendo seu desenvolvimento integral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da chegada do intérprete de Libras à sala de aula, os gêmeos surdos estavam sem esse recurso, o que dificultava o acesso à educação. Sendo a primeira vez que frequentariam a escola, a família optou por não matriculá-los até que a questão da



acessibilidade linguística fosse resolvida. Assim, o segundo semestre marcou não apenas o primeiro dia dos gêmeos na escola, mas também o início de um ambiente acessível e linguístico para alunos surdos, e o primeiro dia de atuação do intérprete na Educação Infantil. A professora regente, visivelmente ansiosa, recebeu o profissional com um abraço, expressando a expectativa pela presença do intérprete e dos alunos surdos, o que indicou que a interação seria marcada por acolhimento e flexibilidade.

Nos primeiros momentos, os gêmeos demonstraram estranhamento. Quando a porta foi fechada e a mãe se despediu, os dois tentaram segui-la, chorando e batendo na porta. A professora e o intérprete procuraram contê-los e acalmá-los. Quando foi informado que a mãe retornaria para buscá-los, um dos meninos compreendeu e transmitiu essa informação ao irmão por meio de gestos e sinais em Libras, evidenciando o papel da língua de sinais como mediadora de suas emoções. Perceberam-se também diferenças no temperamento dos gêmeos: um era mais atento e seguro, enquanto o outro mostrava maior apego afetivo e necessitava de estratégias de conforto, como o uso de chupeta e paninho de casa. Com a repetição da rotina, ambos começaram a se sentir mais seguros.

Outro aspecto importante foi a questão familiar. Os pais, ouvintes, têm dez filhos, sendo metade surdos. Em casa, a Libras já era conhecida e utilizada, embora de forma mais espontânea, com sinais caseiros e gírias. Esse contexto remete ao que Quadros (2017, p. 73) descreve, afirmando que “a partir do balbúcio, começam a produzir os primeiros sinais. Na sequência, combinam esses sinais com outros sinais para formar sentenças de duas palavras, três palavras e múltiplas palavras conforme crescem”. No ambiente escolar, a estrutura frasal da Libras dos gêmeos foi se organizando e formalizando, embora, em casa, a sinalização continuasse mais informal e espontânea. Quadros (2017, p. 74) reforça que “usam a língua com diferentes propósitos em contextos distintos, com diferentes pessoas, surdas e não surdas”, o que confirma a riqueza de contextos vivenciada pelos irmãos.

A professora regente demonstrou excelente domínio da didática visual e acolheu de maneira positiva tanto os alunos surdos quanto o trabalho do intérprete. Juntas, planejavam atividades, como músicas cantadas em Libras, contações de histórias sinalizadas e rotinas diárias totalmente em Libras. Mesmo quando os gêmeos faltavam, a sinalização permanecia presente, garantindo a continuidade da língua. Assim, consolidou-se um coensino efetivo, no qual a Libras permeava todas as atividades lúdicas, escritas e orais, permitindo que crianças surdas e ouvintes interagissem nas duas línguas.



Outro ponto importante foi a participação de estagiários surdos em observações e aulas exigidas pela graduação em Pedagogia. Durante essas visitas, os gêmeos estabeleceram vínculos com os estagiários, percebendo-os como modelos de adultos surdos bem-sucedidos, com profissão, vida familiar e fluência em Libras e português. A sala se transformou em um verdadeiro laboratório bilíngue espontâneo, fortalecendo a identidade surda e mostrando que o coensino entre regente e intérprete amplia as oportunidades de aprendizado, oferecendo uma experiência mais rica e diversa para os alunos.

Com o tempo, os gestos foram naturalmente substituídos por múltiplos sinais, e as crianças passaram a contar histórias e reconhecer palavras em português. Um marco importante foi a participação dos gêmeos no festival Art'incluir em Garanhuns, no qual apresentaram uma performance em Visual Vernacular, sob a orientação de um instrutor de Libras da escola. Essa experiência refletiu claramente o avanço na aquisição da linguagem e no desenvolvimento das habilidades sociais dos gêmeos.

Esse processo revela o impacto positivo do contato precoce com a Libras em um ambiente bilíngue. A atuação integrada entre professora regente, intérprete e estagiários surdos, aliada a práticas pedagógicas visuais, potencializou o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico das crianças, oferecendo-lhes condições de participação plena e igualdade de oportunidades na aprendizagem. Esse avanço também reforça a perspectiva socioconstrutivista, na qual o aprendizado ocorre nas interações e no diálogo social, mediado pela linguagem. A interação contínua no ambiente escolar, mediada pela Libras, favoreceu o desenvolvimento integral dos gêmeos, permitindo que se inserissem ativamente no processo educacional e social, com uma base sólida para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e cognitivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil, como espaço privilegiado para a aquisição natural da Libras e o desenvolvimento cognitivo, exerce um papel fundamental na formação plena da criança, pois é nesse ambiente que se inicia tanto o aprendizado formal quanto o social. O professor regente, ao acolher a diversidade, precisa compreender que, embora o início desse processo possa ser desafiador, as próprias crianças contribuem de maneira inata e visual para a construção do conhecimento, especialmente por meio das práticas cotidianas. Com o tempo, o professor, que inicialmente poderia depender do intérprete de Libras, passa a construir uma parceria de engajamento coletivo. Essa colaboração cria um



ambiente em que o aprendizado acontece de forma integrada, sem a necessidade de duplicação das atividades: tudo o que é proposto a uma criança é igualmente acessível a todas, tanto surdas quanto ouvintes, favorecendo um ambiente bilíngue e inclusivo.

A presença de adultos surdos, especialmente no papel de modelos linguísticos e culturais, foi essencial para consolidar ainda mais a identidade surda dos gêmeos. Isso é particularmente significativo dentro de uma abordagem socioconstrutivista, que destaca o aprendizado como um processo de construção coletiva. Vygotsky (2010) reforça que o desenvolvimento ocorre nas interações sociais, e é através dessas interações que as crianças constroem seu conhecimento de maneira dinâmica e colaborativa. A prática bilíngue, portanto, não se limita à transmissão de conteúdo, mas se torna um processo de troca e transformação entre os indivíduos, mediado pela linguagem, tanto a de sinais quanto a oral.

A efetividade da prática bilíngue na Educação Infantil depende da sensibilidade pedagógica do professor regente e das competências linguísticas e culturais do intérprete de Libras. A educação bilíngue requer uma abordagem que valorize a visualidade corporal e a expressividade na sinalização, tornando evidentes os aspectos gramaticais e visuais presentes nas atividades diárias, como contações de histórias, músicas e interações afetivas. Essa abordagem exige, portanto, um perfil voltado para práticas inclusivas e sensíveis, com um trabalho contínuo entre o professor e o intérprete, visando à mediação de um ambiente em que todos os alunos, surdos e ouvintes, tenham acesso igualitário ao aprendizado e ao desenvolvimento, conforme os princípios do socioconstrutivismo.

O sucesso dessa abordagem evidencia que a educação não é um processo isolado, mas sim coletivo, em que o desenvolvimento de cada criança está interligado à interação com seus pares e com o ambiente. A experiência pedagógica compartilhada entre o professor regente, o intérprete de Libras e os alunos surdos e ouvintes, em um ambiente bilíngue, configura um modelo que favorece a inclusão plena e a valorização das identidades linguísticas e culturais, possibilitando a todos os envolvidos a construção do conhecimento de forma significativa e transformadora.

Palavras-chave: Libras; Educação bilíngue; Sociocostrutivismo; Educação Infantil; Coensino.

REFERÊNCIAS



VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Eniceia Gonçalves. Formação de professores como estratégia para realização do coensino. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 4, n. 1, p. 19-32, 2017. DOI: [10.36311/2358-8845.2018.v4n1.03.p19](https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v4n1.03.p19). Acesso em: 10 jul. 2025.

